

MOVIMENTOS ENUNCIATIVOS NA ANIMAÇÃO *ZIMA BLUE*

Lorena Luana Dias da Silva (FURG)¹

RESUMO

O presente trabalho propõe analisar a animação *Zima Blue* (2019) tendo como ponto de partida o gênero entrevista. É importante ressaltar a construção de sentido através do discurso do personagem principal. As análises do objeto tiveram como fundamentação teórica os estudos Bakhtianos sobre a Enunciação. É importante salientar que nesse trabalho as falas, ou seja, os enunciados de Claire e de Zima são analisados dentro do processo da enunciação que é direcionada para o mecanismo de produção de sentido. A enunciação na perspectiva de Bakhtin é a articulação da forma linguística com o uso, ela não parte de um sujeito individual, considerado isoladamente, mas é produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e do contexto da situação social complexa em que aparece (BAKHTIN, 1927 e 1929). A compreensão da fala/do enunciado é de natureza ativamente responsiva, ou seja, gera obrigatoriamente uma resposta, o ouvinte se torna falante, o espectador se torna produtor. É nessas circunstâncias de fala e escuta que o sujeito Zima busca revelar-se e dizer ao mundo a sua verdade. Depois de uma longa busca, Zima reconhece a sua identidade através do enunciado “estou indo para casa”. As modificações, adaptações, a arte, e a comunhão com o cosmo permitiram que Zima reconstruísse a sua memória no discurso. Por fim, o sentido é analisado como traços de perenidade, ou seja, ele é revelado somente dentro do contexto.

Palavras-chaves: Enunciado. Animação. Sentido.

¹ Formada em Letras Português/Espanhol pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG), mestranda no Programa de Pós-Graduação em Letras na área de concentração em História da Literatura na mesma universidade. Participa do Grupo de Pesquisa Crítica Feminista e Autoria Feminina: cultura, memória e identidade.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi desenvolvido ao longo da disciplina Estudos da Enunciação, na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), ministrada pela professora Keli Ribeiro. O Episódio Zima Blue está disponível na plataforma Netflix, é voltado para o público adulto ainda que a sua estrutura seja de animação, foi dirigida pelo diretor alemão Robert Valley. O episódio faz parte da primeira temporada da série Love, Death + Robots que é voltada para diversas questões, dentre elas temos os usos da tecnologia, ela permite pensar sobre as relações humanas em um mundo onde as tecnologias estão no centro do debate sobre como a vida humana sofre adequações ou inadequações.

A série Love, Death + Robots lançada em 2019, possui 18 episódios, a qual, teve como objetivo divulgar alguns episódios independentes. Cada episódio possui uma história diferente com características de animação diferentes. Os episódios são muito bem construídos, a série oportuniza aos pequenos estúdios de animação a possibilidade de divulgarem as suas produções.

O episódio permite pensar sobre a busca por uma essência, "a busca pela verdade" e essa busca é feita através da arte, da criação artística. Esse ponto sempre me provocou a pensar e a querer compreender a realidade, ou a representação da realidade, na qual estamos inseridos. Zima é um símbolo de construção e reconstrução que se fez necessário ao longo da sua busca pela verdade.

No primeiro momento a entrevistadora conta a história de Zima a partir do seu ponto de vista, no seu enunciado inicial há uma percepção sobre ele. Podemos observar que haviam muitas teorias sobre o artista, a falta de informação sobre sua origem propõe criar diferentes pontos de vista sobre a origem dele. No enunciado feito pela repórter identificamos a língua em movimento, também formada a partir do imaginário coletivo e as versões são reproduzidas, "Ouvi Zima anunciar a sua última obra de arte. Por anos, pedi para entrevista-lo. Diversas vezes e sempre recebi um não. Agora por algum motivo e razão Zima Blue pediu para falar comigo. Não consegui saber se o azul parecia com a cor do céu ou do mar."

Não havia uma versão oficial da história de Zima, ou seja, uma versão descrita e contada por ele mesmo, é possível pensar na construção da imagem do personagem, ele enquanto um artista solitário e misterioso está a mais de cem anos sem falar com a imprensa e naquele dia ele decide falar sobre si a partir de sua vivência e de suas ideologias. Ao longo de sua busca pela "sua verdade" uma perspectiva foi formada sobre ele e é essa que está sendo contada na primeira cena do vídeo pela jornalista Claire. Conforme Mikail Bakhtin²:

Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida. (BAKHTIN, 1929, p. 95)

² O filólogo Bakhtin fundou, a partir de 1919, um círculo multidisciplinar de estudos, integrado por filósofos, poetas, cientistas, críticos de arte e literatura, escritores e músicos que discutiam as questões relevantes para as ciências sociais, norteados pela concepção de que a linguagem não deveria ser somente um objeto de estudo da ciência linguística, mas deveria ser vista como uma realidade definidora da própria condição humana. O Círculo de Bakhtin teve uma intensa produção escrita entre 1920 e 1929, a partir daí, com os expurgos políticos, vários membros do círculo desapareceram e Bakhtin passou a trabalhar sozinho e em silêncio, ele mesmo exilado na Sibéria. Em meados da década de 60, Bakhtin tornou-se conhecido na Europa ocidental e, a partir de então, no resto do mundo. Tal reconhecimento deu-se por intermédio de J. Kristeva que, trabalhando no domínio dos estudos literários, via na teoria polifônica do filólogo russo uma forma de reação contra a submissão do sujeito pelas estruturas, pelo viés da história.

Nesse trecho é possível dialogar com a citação de Bakhtin em relação a construção da imagem de Zima, ele enquanto um artista solitário e misterioso está a mais de cem anos sem falar com a imprensa e naquele dia ele decide falar sobre si a partir de sua vivência e de suas ideologias. Ao longo de sua busca pela "sua verdade" uma perspectiva foi formada sobre ele e é essa que está sendo contada na primeira cena do vídeo pela jornalista Claire.

APONTAMENTOS

É importante pontuar o gênero Animação enquanto gênero multimodal. Há na sua estrutura uma diversidade de recursos semióticos. Não temos uma câmera filmando, há uma narrativa fílmica assumindo a posição de um espectador, como se esse ponto de vista fosse criado a partir do funcionamento da câmera, com as decisões e consequentes efeitos de enquadramento, perspectiva, movimentos, cores, foco e sincronização com outras linguagens: trilha sonora, falas e fotografias.

O uso de imagens subjetivas produz significação nas cenas interativas. O lugar de interação é o próprio texto veiculado pelo vídeo por meio dos enunciados, o sentido será construído a partir da interação entre o leitor com suas sinalizações e o autor com seus conhecimentos.

As análises do objeto tiveram como fundamentação teórica os estudos Bakhtianos sobre a Enunciação. É importante salientar que nesse trabalho as falas, ou seja, os enunciados de Claire e de Zima são analisados dentro do processo da enunciação que é direcionada para o mecanismo de produção de sentido. O princípio dialógico funda a alteridade como constituinte do ser humano e de seus discursos. Reconhecer a dialogia é encarar a diferença, uma vez que é a palavra do outro que nos traz o mundo exterior. Conforme Bakhtin:

Nossa fala, isto é, nossos enunciados (...) estão repletos de palavras dos outros. (Elas) introduzem sua própria expressividade, seu tom valorativo, que assimilamos, reestruturamos, modificamos. (...) Em todo o enunciado, contanto que o examinemos com apuro, (...) descobriremos as palavras do outro ocultas ou semiocultas, e com graus diferentes de alteridade. (BAKHTIN, 1979, p. 314/318)

A enunciação na perspectiva de Bakhtin é a articulação da forma linguística com o uso, nas reflexões feitas pelo filósofo temos o encontro com a história, teoria e crítica literária, seus estudos são multidisciplinares, eles possuem uma visão dialógica sobre as construções de discursos. Para Bakhtin (1979) a língua é subjetiva e ela se constrói no discurso, ele valorizava a fala, nesse movimento da fala temos a instauração da intersubjetividade, da interação social.

Ao produzirmos discursos, não somos a fonte deles, porém intermediários que dialogam e polemizam com os outros discursos existentes em nossa sociedade, em nossa cultura. Como já foi dito, a relação dialógica é polêmica, não há passividade. Nela, o discurso é um jogo, é movimento, tentativa de transformação e mesmo subversão dos sentidos. O sentido de um discurso jamais é o último: a interpretação é infinita. O que faz evoluir um diálogo entre enunciados é essa possibilidade sem fim de sentidos esquecidos que voltam à memória, provocando neles a renovação dentro de outros contextos.

MOVIMENTOS ENUNCIATIVOS: UMA REFLEXÃO BAKHTINIANA

O enunciado para Bakhtin (2003) é a língua concretizada no discurso de fato, ele tem o princípio dialógico da linguagem onde é nas relações dialógicas que o sujeito é constituído. O sujeito produz nas relações dialógicas os enunciados que são definidos por ele como gêneros do discurso

podendo ser verbal, não verbal ou multimodal. A língua para Bakhtin, penetra na vida através dos enunciados que a realizam, os sujeitos produzem seus discursos movidos por outros discursos, ele percebe a linguagem como constituinte de confrontos ideológicos, ou seja, há uma questão de alteridade. Conforme afirma Bakhtin (2003, p.265), “a língua passa a integrar a vida através de enunciados concretos (que se realizam); é igualmente através de enunciados que a vida entra na língua”. Por meio das diversas enunciações, sob forma de diferentes modos de discurso, revelam-se características do corpo social. Para o autor (1997, p.34), a própria consciência torna-se consciência, no processo de interação social, quando se impregna de conteúdo semiótico e ideológico. Conforme Irene Machado:

Contudo, é bom que se esclareça: Bakhtin não é autor de uma teoria do texto sistematizada, como as que foram desenvolvidas, por exemplo, no campo da linguística, da semiótica ou da sócio semiótica. É a concepção de linguagem como sistema dialógico de signos, que valoriza o texto como ato comunicativo, que nos levou a entender sua teoria da enunciação como uma teoria do texto. A compreensão que Bakhtin apresenta ao texto enquanto fenômeno sociocultural preenche, ainda, lacunas conceituais inevitáveis em designações tão amplas. Ainda que reconheça a natureza verbal de seu objeto de estudo – palavra na literatura, na comunicação cotidiana, no discurso filosófico - Bakhtin não perde de vista a natureza semiótica constitutiva da noção de texto: em nenhum momento texto é tão-somente produção verbal. Texto é signo que se constitui nas fronteiras do dito e do não-dito; do verbal e do extra verbal onde se desenrola a situação comunicativa. (MACHADO, 1996 p.90)

Nessa passagem é possível compreender a teoria do texto de M. Bakhtin. como um fenômeno sócio/cultural, ou seja, não há como separar o sujeito do mundo em que ele está inserido, em um determinado tempo, em um determinado contexto. Nesse sentido, o texto se constitui no campo dialógico com as intervenções semióticas, com a vida em movimento. Dentro disso, podemos pensar que o texto é constituído de modo verbal e não verbal, o discurso está diretamente ligado ao modo como é feita essa intersubjetividade do dizer o dito e é desse modo que há a constituição do sujeito trazendo. Nesse dito é importante pontuar que é um lugar de expressão política, ou seja, ideológica.

No discurso, os sentidos não são originários do momento da enunciação, mas que fazem parte de um contínuo “Um locutor não é o Adão bíblico, perante objetos virgens, ainda não designados, os quais ele é o primeiro a nomear” (Bakhtin, 1979, p.319). Logo, é preciso enfatizar que os gêneros do discurso estão intimamente ligados com o modo como o dito vai ser expresso, como o discurso se coloca no mundo por meio do indivíduo podendo ser verbal ou não.

O encontro de Zima Blue com a repórter Claire suscita reflexões que colocam em voga uma história verdadeira, ou podemos mencionar um fato em relação a identidade do artista Zima. Claire será responsável por ajudar Zima a contar a sua história. Mas antes de encontrar com o artista ela conta a história de Zima do seu ponto de vista. É possível analisar dois pontos nesse primeiro momento que é a necessidade de outra voz para se fazer conhecer e as percepções diferentes para o mesmo objeto que vai ser construindo a partir dos diálogos estabelecidos.

A jornalista Claire confessa que “pouco se sabe.” sobre Zima e menciona que é possível que o artista tivesse começado como pintor de retratos. No entanto, ressalta que, para ele, “a forma humana era um tema muito pequeno” e, por isso, buscou no cosmo algo mais profundo que pudesse representar. A partir disso, começa então, a pintar grandes murais com a temática astronômica, os quadros que surgiram desse trabalho foram qualificados enquanto “indiscutivelmente brilhantes”.

Nesse processo, o leitor/espectador assume uma atitude de sujeito na construção do sentido do texto, ou seja, uma atitude responsiva ativa (expressão bakhtiniana). Segundo Bakhtin, "o ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc." (BAKHTIN, 2011, p. 271).

O verdadeiro interesse do autor, no entanto, não era o sistema, mas a linguagem enquanto uso em interação social. E a enunciação seria, precisamente, o momento do uso da linguagem, processo que envolve não apenas a presença física de seus participantes como também o tempo histórico e o espaço social de interação. Sua crítica à linguística, enquanto teoria da abstração - língua -, foi sempre nesse sentido, o de faltar a ela uma abordagem da enunciação, que desse conta do que, no seu entender, era o discurso, ou seja, a linguagem em sua totalidade concreta e viva (BAKHTIN, 1963, p. 181).

A compreensão da fala/do enunciado é de natureza ativamente responsiva, ou seja, gera obrigatoriamente uma resposta, o ouvinte se torna falante, o espectador se torna produtor. A enunciação não parte de um sujeito individual, considerado isoladamente, mas é produto da interação de dois indivíduos socialmente organizados e do contexto da situação social complexa em que aparece (BAKHTIN, 1927 e 1929). Nesse sentido, Zima então revela que a sua busca por verdade o conduziu para aquilo que seria sua última obra.

Zima revela a partir do seu enunciado que ele é fruto da criação de uma jovem talentosa que era interessada por robótica, ela o havia criado para limpar a piscina, o que difere da versão da jornalista. Essa contraposição de ideias, de perspectivas só foi possível por conta do diálogo estabelecido entre eles a partir dos diferentes textos, que é na teoria Bakhtiniana o signo que se constitui nas fronteiras do dito e do não dito; do verbal e do extra-verbal onde se desenrola a situação comunicativa.

Após a morte da mulher ele teve outros donos que fizeram modificações na sua estrutura robótica. Zima menciona, "A cada modificação o robô se tornou mais vivo, tornei-se mais eu." Claire diz: "Mas você é um homem com partes de máquina e não uma máquina que pensa que é um homem"

Por fim, ela compreende que o azul presente em todas as obras de Zima faz referência ao azul dos azulejos da piscina. Ele afirma " O Fabricante nomeou a cor como Zima blue. Foi a primeira coisa que vi". Há no enunciado de Zima um reconhecimento identitário, uma busca conduzida pela memória através da Arte. Nessa busca temos o texto, enquanto, ato humano, "diz respeito a toda produção cultural fundada na linguagem (e para Bakhtin não há produção cultural fora da linguagem)"

O sentido dentro da Animação vai sendo construído através do texto verbal e não verbal à medida que há movimentos enunciativos como as cores utilizadas, os diálogos estabelecidos dentre outros mecanismos linguísticos não verbais. De modo que, o sentido nesse trabalho é analisado com traços de perenidade, ou seja, a palavra revela o seu significado somente dentro do contexto, no qual ele está inserido. Ao analisarmos isoladamente os sentidos não é possível encontrar significação, logo, não há, dentro da animação, "sentido em si" pois ele só existe para o outro, isto é, só existe com o outro.

Importante perceber que o sentido não está como uma rua de mão única, ele só existe em contato com outros sentidos possíveis. Como por exemplo na análise da presente animação, temos inúmeras possibilidades para a escola do azul e não do vermelho por exemplo, essa compreensão do azul enquanto memória é materializada através do discurso do artista.

Através da sua obra final que Zima compreende a sua verdade, Volta à origem, “reseta” a si mesmo, “deixando apenas o necessário para apreciar o que há ao [seu] redor, para extrair o simples prazer de realizar uma tarefa bem feita.” E conclui que a sua busca pela verdade terminou. Vai para casa. É no cruzamento, no enredamento de consciências que nascem as relações de sentido expresas nas enunciações, onde vamos situar o dinamismo que leva à composição do tecido-texto resultante da combinação de discursos-língua ou de gêneros discursivos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em todas as esferas das atividades humanas estão ligadas ao uso da linguagem, o que torna esses usos extremamente variados. Nesse sentido as percepções do sentido através das teorias de Bakhtin, permitem uma compreensão dialógica dos enunciados, ou seja, o enunciado é construído a partir da interação e é dessa forma que o sujeito vai ser constituído, no diálogo, o qual permite diferentes atravessamentos, no tocante às relações humanas e não humanas que são tecidas ao longo da vida.

Como foi mencionado no início desse artigo, o enunciado para Bakhtin é a unidade da interação, uma vez que não nos dirigimos ao outro por meio de palavras ou frases, mas por meio de textos-enunciados. No entanto, essa unidade de interação, mesmo representando o projeto discursivo do autor, é resultado da relação entre duas forças discursivas: de um lado, o querer dizer do autor, ou seja, seu projeto discursivo; de outro lado, o gênero do discurso que medeia a interação quem que se encontra o autor. Podemos afirmar que é a inter-relação em que se encontra o autor. Também é na inter-relação dialética entre esses dois aspectos que dá existência ao texto-enunciado dirigido ao interlocutor.

A animação Zima Blue, insere debates que permeiam todas as pessoas que buscam uma identidade ou identidades que as identifique e as denominem como pertencentes a algum lugar no mundo a partir de outros discursos e vivências humanas e não humanas também. Zima reconhece que ocupa um lugar existencial único no mundo, ele reconhece a sua singularidade. Dentro disso, não há como escapar do agir responsabilmente. Bakhtin menciona, “Viver a partir de si não significa viver para si, mas significa ser, a partir de si, responsabilmente participante, afirmar o seu não alibi real e compulsório no existir” (BAKHTIN, 2010, p.108). Ser responsivo para o outro e com o outro significa olhar primeiro para si, e é isso que Zima faz ao chamar para perto a escuta e a fala da sua trajetória tendo a Arte como uma ferramenta de ser no mundo. É preciso chamar a atenção para a caminhada que o artista realiza, partido da tentativa de entender a forma urbana, enquanto retratista, nessa ação inicial Zima enxergar em nós algo muito limitado em comparação aos cosmos e ao universo. O outro, pode ser irreduzível na sua diferença mas correlato com o eu, é a efetiva baliza do agir. Conforme Franceline Márcia Rompkovski :

“Zima Blue” mostra-se, deste modo, como uma narrativa em que convergem e se mesclam discussões sobre a modernidade e a pós-modernidade. Se os procederes do artista são tipicamente pós-modernos no fim de sua carreira, dado que lançam mão de atos performáticos de intrusão da arte no mundo e da imbricação levada ao limite entre obra e artista construídos em mise-en-abîme, persiste a ideia desse último como profeta, aquele que procura e passa a ser detentor de uma verdade inapreensível para os demais. Essa verdade, por seu turno, liga-se a uma aceitação do absurdo de qualquer existência. (ROMPKOVSKI, 2020 p.08)

A proposta de Zima é de revelar ao mundo uma verdade, a sua própria verdade. Diferentemente da autora Márcia, vislumbro nessa ação não como uma profecia, algo inquestionável, mas como um autoconhecimento, um cuidado consigo em relação ao outro e ao fazer poético, artístico, não como algo inquestionável, e sim como uma provocação para olhar de/para si para revelar-se ao mundo com suas características singulares.

O azul escolhido por Zima até as mudanças feitas por ele em seu próprio corpo representam uma busca por uma verdade que em vários momentos foi questionada pela reportes Claire, a qual, é empática em ouvir e não julga as ações do artista. O dia em que Zima apresentou um quadro totalmente tingido pelo azul como uma obra de arte única. Um azul piscina que impactou todo o seu público, dadas as suas proporções, já que o quadro era colossal. Segundo a jornalista, para muitos, este seria o período mais emblemático da carreira do artista plástico, que, àquela altura, era ainda mais aclamado por todo o seu público.

Entretanto, “Zima estava apenas começando”, narra Claire. Segundo a jornalista, apesar de todo o sucesso e da fama conquistada por Zima nas décadas que antecederam aquele momento, o artista continuava insatisfeito “e o que ele fez por último foi considerado como um sacrifício extremo pela arte”.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Trad. Yara Frateschi. São Paulo: HUCITEC, 1987.

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 4.ed. Trad. Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **Para uma filosofia do ato responsável**. Trad. aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

PIRES, Vera Lúcia. Dialogismo e alteridade ou a teoria da enunciação em Bakhtin. In: **Organon**. Porto Alegre, RS, v. 16, n. 32-33, 2002.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. Análise de gêneros do discurso na teoria bakhtiniana: algumas questões teóricas e metodológicas. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 4, n. 2, p. 415-440, jan./jun. 2004.

MACHADO, Irene A. Texto como enunciação. A abordagem de Mikhail Bakhtin. **Língua e Literatura**, n. 22, p. 89-105, 1996.

ROMPKOVSKI, Francelise. "Zima Blue" em mise-en-ambême: artista e obra como uma só criação. **Revista dito efeito**, v. 11, n. 18. P.1-11, jan/jul.2020.

Zima Blue é o melhor episódio de Love Death & Robots e eu vou te provar, disponível em: <https://medium.com/@aronmartins/zima-blue-%C3%A9-o-melhor-epis%C3%B3dio-de-love-death-robots-e-eu-vou-te-provar-5b810c4f492c>. Acesso: 08.11.20

Zima Blue, disponível em: [netflix.com.br](https://www.netflix.com.br).